



MENSTRUÇÃO E ANTROPOLOGIA - MULTIPLICANDO SABERES PARA ALCANÇAR A DIGNIDADE

Palavras-Chave: ANTROPOLOGIA, MENSTRUÇÃO, DIGNIDADE MENSTRUAL

Autoras:

LUNA BEATRIZ DE OLIVEIRA SANTAREM – LABJOR, UNICAMP

RAYSSA BAPTISTA PARROS – LABJOR, UNICAMP

THAIS BEZERRA NOVAIS – LABJOR, UNICAMP

CLARISSA RECHE NUNES DA COSTA – IFCH, UNICAMP

NAEDJA CRISTIANE VIEIRA COSTA – IFCH, UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). DANIELA TONELLI MANICA (orientadora) – LABJOR, UNICAMP

INTRODUÇÃO

A menstruação é um tema rotineiro nas nossas vidas. Todos os dias, em todos os lugares, pessoas que nos cercam estão menstruando. Entretanto, assim como a maioria do conhecimento produzido e validado ao longo da história da ciência, o que sabemos sobre a menstruação a partir de uma perspectiva acadêmica foi até o momento majoritariamente produzido sob um olhar masculino e misógino. Partindo de uma análise feminista e decolonial, entendemos que tal literatura é distorcida, cheia de reflexos, projeções e sombras dos desejos de controle masculino, branco, burguês e ocidental sobre corpos marcados. Observa-se lacunas como, por exemplo, a ausência das experiências, sentimentos e emoções de saberes produzidos por pessoas que menstruam e ensinados na vida cotidiana. Diante disso, nosso projeto “Menstruação e Antropologia, multiplicando saberes para alcançar a dignidade” possui a seguinte questão de pesquisa: como podem os saberes antropológicos produzidos em contexto acadêmico colaborar com a dignidade menstrual, em especial junto a jovens? Propomos a realização de uma pesquisa qualitativa utilizando ferramentas usuais na antropologia, como a etnografia visual, com o objetivo de produzir um experimento em divulgação científica e cultural.

Ao direcionarmos a pesquisa para as escolas do ensino fundamental, buscamos compreender como a menarca e a menstruação são observadas e vivenciadas pela geração pós anos 2000, que já nasce conectada com diversas fontes de informações, bem como observar como as escolas do ensino público estão conduzindo essa pauta em sua prática educacional. Neste trabalho, apresentaremos três experimentos realizados até o momento, sendo eles: 1) a criação de peças artísticas a partir da leitura de artigos acadêmicos; 2) um trabalho de campo feito em espaços de sociabilidade na UNICAMP; 3) oficinas realizadas junto à educandas da Escola Estadual Telêmaco Paioli Melges, na cidade de Campinas.

METODOLOGIA

Partindo de um pressuposto teórico-feminista decolonial com enfoque em necessidades vivenciadas no sul global, nossa pesquisa primou por localizar e respeitar diferentes perspectivas sobre a menstruação. Também nos pautamos em realizar uma pesquisa horizontalizada, tensionando as hierarquias rígidas e autoritárias nos campos profissionais e metodológicos. Por estar continuamente atravessadas pelo senso comum sobre a menstruação, o cenário escolar nos exige bastante cuidado para abordar este tema e criar relações de confiança para sermos capazes de abrir um canal de escuta com objetivo em oferecer uma perspectiva de senso crítico a respeito dos conhecimentos menstruais, ajudando as adolescentes a buscar orientação sobre necessidades e carências menstruais para além do conhecimento especificamente biológico. Escolhemos como método de pesquisa a etnografia (PEIRANO, 2014) alinhada com a técnica da pesquisa-ação (MALLMANN, 2015) como uma estratégia de colaboração e aprendizagem para provocar mudanças participativas. Assim, entendemos nossa pesquisa como um diálogo interdisciplinar entre a antropologia, a pedagogia e as artes. A metodologia e as técnicas escolhidas nos ampararam na criação de diálogos com as educandas, numa tentativa de superar tabus e mitos sobre o comportamento menstrual, para sermos capazes de propor atividades, realizá-las, avaliá-las e produzir um experimento em divulgação científica e cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fichamentos artísticos

Para iniciarmos nossas atividades no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da UNICAMP, decidimos realizar a leitura de artigos acadêmicos para nos aproximarmos, junto com as bolsistas PIBIC-EM, do tema da menstruação a partir da Antropologia. Para tanto, as bolsistas produziram fichamentos, começando por um comum e depois para o que chamamos de “fichamento artístico”, já que a experiência da menstruação é dificilmente expressa através de falas (MCKECHNIE, 2004) pois faltam palavras e sobram silêncios. Era muito importante despertar nelas o aprendizado - antropológico - sobre o estranhamento do cotidiano, acioná-lo e deixá-lo ativo (PEIRANO, 2014) incentivando que associassem as leituras com suas próprias experiências, como as vivências na escola por exemplo.

As bolsistas se aprofundaram temas como: os conceitos de natureza e cultura acionados nos discursos biomédicos sobre menstruação ao longo da história (MANICA, 2004), as representações sobre menstruação na mídia (MIRANDA e FERNANDES, 2020), pobreza menstrual na vida de meninas pretas e pardas (SOUSA e SILVA, 2022), os silêncios, medos e vergonhas que chegam junto com a menarca (FÁVERI e VENSON, 2007); e a beleza e potência criativa da menstruação e do sangue menstrual quando experienciados a partir de um posicionamento político contra-hegemônico (MORAIS, 2021). Com base nesses novos conhecimentos trazidos por meio da antropologia, as bolsistas criaram obras partindo das próprias essências artísticas delas, entrelaçando suas visões e

vivências com as urgências políticas e sociais perante a menstruação, por meio de poemas, colagens, artes digitais e uma música com vídeo clipe.

É possível observar que há uma movimentação política feminista na maneira de representar a menstruação nos artigos escolhidos e lidos pelas bolsistas, dando um gancho para as jovens expressarem também como essa nova geração tem mais abertura com ideias e práticas feministas. Nossa questão de pesquisa, “se e como os saberes antropológicos produzidos em contexto acadêmico podem colaborar com a dignidade menstrual em especial junto a jovens?”, teve assim uma primeira resposta: estes saberes podem fazer vazar para além dos muros acadêmicos o ímpeto político de transformação que inspirou e deu força às pesquisadoras para desenvolverem seus trabalhos.

Mensagens Menstruais

8 de março, o “Dia Internacional da Mulher”, foi o momento perfeito para se dar início a outra face da Antropologia para as bolsistas, com sua ida a campo no Ciclo Básico I e II na Unicamp. Lá, elas entrevistaram pessoas diversas: argentinas, peruanas, equatorianas, mulheres de movimentos sociais, homens, mulheres na menopausa, jovens universitárias, funcionárias e vendedores ambulantes da feira do Ciclo Básico. Levando para fora o que foi aprendido em conjunto no laboratório, buscaram abrir diálogos sobre menstruação. As entrevistas sempre começavam com “O que vocêalaria para sua menstruação se pudesse?”, buscando uma linha entre o autoconhecimento e a dignidade menstrual, que se mostraram necessárias a partir de nossas reflexões no laboratório.

Como forma de agradecer as/os participantes, fizemos “mensagens menstruais”, que eram partes de poemas e música feitas pelas bolsistas. entregando-as logo no fim da entrevista, com um QR code para acessarem os trabalhos no blog do labirinto. Com essa experiência, produzimos mais uma resposta para nossa pergunta: os saberes antropológicos podem sim contribuir para a dignidade menstrual, pois nos ajudam a acessar vários tipos de pessoas com seus contextos, emoções, dores, traumas e vivências sobre a menstruação.

A escola Telêmaco

Após a primeira experiência de campo, iniciamos o planejamento de uma oficina para adolescentes em escolas públicas. Nossa participação na Escola Estadual Telêmaco Paioli Melges ocorreu em parceria com o projeto Olhos no Futuro, e teve o intuito de promover o conhecimento e debate sobre a dignidade menstrual. Durante os três dias de oficina, várias atividades foram produzidas, sendo elas: Mapa de empatia; a leitura de textos diversos sobre menstruação e a produção de cartazes; a aplicação de um questionário socioeconômico; e a roda de conversa. Através de cada uma dessas atividades buscamos mapear os conhecimentos das estudantes e da escola sobre menstruação, dialogar sobre verdades e mitos a respeito da menstruação em busca de conhecimento sobre o que significa dignidade menstrual, possibilitar que as estudantes encontrassem conforto para falar publicamente sobre suas experiências com a menstruação, e saber sobre seus acessos materiais a produtos para menstruação.

Quando a proposta da oficina na escola foi apresentada, muitas foram as expectativas criadas e, ao entrar no campo, a realidade se mostrou diferente das idealizações. Como pesquisadoras, vimos que

dialogar com adolescentes é mais difícil do que pensávamos. Quebrar o constrangimento e a timidez foi uma busca constante, e as limitações econômicas também se revelaram urgentes para pensar e vivenciar outras possibilidades de menstruação. Reconhecemos uma necessidade recorrente entre as estudantes de falar sobre as descobertas sexuais e preocupações com gravidez, que tínhamos decidido não abordar diretamente. Na sala de aula havia uma educanda portadora de síndrome de down e a inclusão dela nos trouxe a questão da menstruação para pessoas portadoras de doenças mentais diversas, além das ações afirmativas para essas pessoas.

Outro desafio foi a separação da participação dos meninos durante as oficinas. A princípio a separação gerou incômodo, porém, posteriormente, entendemos a ação como uma forma da escola criar um espaço seguro e confortável para as meninas, uma vez que a timidez foi um desafio em um ambiente separado, e que muitas vezes elas demonstraram preocupação com serem ridicularizadas pelos meninos. A naturalização de violências também foi marcante. Uma das violências relatadas foi a de que professores, especialmente os homens, não permitiam que as estudantes saíssem da sala para trocar o absorvente por desconfiarem que elas estavam mentindo sobre suas necessidades menstruais. Isso trouxe a questão sobre o direcionamento das escolas acerca das leis sobre dignidade menstrual: é importante que as políticas públicas não envolvam só a distribuição dos absorventes, mas também a integração do tema com a prática pedagógica.

A partir da vivência do campo, compreendemos que a realidade se apresentou muito mais complexa do que o alcance da pesquisa. Porém, analisando os dados, entendemos que, se os saberes antropológicos sobre menstruação são permeados por posturas políticas feministas, uma pauta urgente para que consigamos colaborar para que a dignidade menstrual seja uma realidade é a luta para que a educação sexual seja um componente presente e importante dentro dos currículos escolares, tratada de modo transversal e diversa. Acreditamos que a antropologia pode colaborar muito com a elaboração de tais conteúdos, em parceria com disciplinas que tradicionalmente tratam desse tema. Mas, hoje, a luta é política e é necessário que, desde a universidade, nos organizemos para enfrentar os conservadorismos que barram os temas de sexualidade e gênero no ensino básico brasileiro.

CONCLUSÕES

Apresentamos o relato das experiências que estamos vivendo na pesquisa, “Menstruação e Antropologia - Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade”, realizada coletivamente no Labirinto/Unicamp, que tem finalização prevista para setembro de 2023. Descrevemos três experimentações: “fichamentos artísticos”, “mensagens menstruais”, e “a escola Telêmaco”. Atualmente, estamos finalizando a última experimentação que é uma peça de divulgação científica-cultural, sendo ela uma série de podcast com sete episódios, na qual trabalhamos os sentimentos e situações comuns entre adolescentes, em especial no ambiente escolar. Nosso objetivo é trazer falas diversas, e “girar a chave” de experiências traumáticas, falando abertamente sobre elas e

incentivando outras posturas de toda a comunidade escolar. Por isso, o último episódio será dedicado à beleza da menstruação, em toda sua complexidade e diversidade.

Retomando o objetivo da pesquisa, entendemos que: 1. os saberes antropológicos podem fazer vazar para além dos muros acadêmicos o ímpeto político-feminista de transformação que inspirou e deu força às pesquisadoras para desenvolverem seus trabalhos; 2. os saberes antropológicos, a partir de sua metodologia de pesquisa, podem tornar a noção de dignidade menstrual ampla e diversa; 3. os saberes antropológicos podem colaborar com a elaboração de conteúdos didático-pedagógicos que deem conta de uma educação sexual transversal e diversa, porém hoje é urgente que sejamos capazes de, desde a universidade, nos organizarmos para enfrentar os conservadorismos que varreram os temas de sexualidade e gênero para fora do ensino básico brasileiro. Por fim, ressaltamos a riqueza da pesquisa coletiva, sendo um meio de romper com a rigidez da separação entre pesquisa, extensão e divulgação. Entendemos tal separação entre o que seria a pesquisa “de verdade” e as outras funções da universidade como a manutenção de uma desigualdade estrutural que reflete os classicismos, machismos e racismos que enfrentamos sociedade afora.

BIBLIOGRAFIA

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segregado**. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. Anos 90, Porto Alegre, v. 14 n. 25, p.65-97, jul. 2007.

MALLMANN, Elena Maria. **Pesquisa-ação educacional**: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. Cadernos de Pesquisa v.45 n.155 p.76-98 jan./mar. 2015.

MANICA, Daniela Tonelli. **Menstruação, natureza ou cultura**. V Congresso Português de Sociologia, 2004.

MCKECHNIE, Rosemary. **The identification of menstrual change**: working with biographies of reproduction. In: TREMAYNE, Soraya (ed.). Special issue on fertility and reproduction. Chippenham: JASO, 2004

MIRANDA, Bruna Cristina Boaventura; FERNANDES, Estevão Rafael. **Menstruação e suas representações na mídia**: uma análise sobre sangue, tabu e gênero. Diálogos: Economia e Sociedade, Porto Velho, v. 4., n. 2, p. 261 – 273, jun./dez. 2020.

MORAIS, Janaina de Araujo. **Portal Vermelho**: uma etnografia sobre gênero, corpo, sangue, emoções e experiência. Tese - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2021.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é um método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SOUSA, Elaine Pereira; SILVA, Letícia de Oliveira. **Sangrar é político**: diálogos acerca da pobreza menstrual na vida de meninas pretas e pardas. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2022.